



Armila e seus segredos

Sandra Nunes

Caminhar pelas ruas da cidade, local onde a vida pulsa.
A rua, um longo corredor contornado por casas, edifícios,
muros, vegetação.
Fora é o lugar das almas em constante transformação.
Observo como um *flâneur*.
Como amo a rua. Busco sua alma.

Alguém chegou e construiu a primeira casa. Logo vieram outras,
máquinas, caminhões, asfalto, iluminação, calçadas, mais pessoas.
Mas também vieram as flores.

A rua em constante transformação.
Clara e escura. Quente e fria. Tranquila e movimentada.
Rua que se abre e se conecta. Labirintos. Deriva.



Quem há de pensar que ela já foi tão diferente?
Vejo ruas largas, atravesso, movo-me.
Quantas casas e prédios!

E os muros, onde estão? O limite entre o particular e o público.
Mas não ousa atravessar essa barreira invisível.

Acredito estar sendo observada.

Tudo é aparentemente calmo, tranquilo.
E as pessoas? Onde elas estão?
Imagino o que se passa na ausência delas.
Contudo não me parece um lugar aparentemente imêmore.

“ O invisível é então o
que não se pode deixar
de ver, o incessante que
se faz ver.”¹



Encontro com ela, Armila.

Pistas foram incrustadas na calçada e sinto-me como Marco Polo descobrindo novos lugares.

Brilhante, clara, potente, sinuosa. Prestes a fluir sua água transparente e refrescante por seu chuveiro e torneiras.

Seus tubos parecem brotar da terra, contorcidos, voam alto.

Ela convida à aproximação, ao deleite.

Arte é pública.

Arte e público.

Complexas palavras e relações.

“Dir-se-ia que os encanadores
concluíram o seu trabalho e
foram embora antes da
chegada dos pedreiros; ou
então as
suas instalações,
indestrutíveis, haviam
resistido a uma catástrofe,
terremoto ou corrosão de
cupins.”²

Percebo que outra pessoa também a observa, mas logo se afasta. Armila possui características que causam estranhamento para alguns, o que não era o meu caso. Sinto-me atravessada.

Busco perceber seus detalhes, quanto poder Armila possui. Ela se coloca como possibilidade, quanta esperança diante do inesperado.
Eis que encontro o fora.

O leitor é um construtor de imagens.
Armila possui uma imensa moldura dourada, além do que os olhos conseguem captar.



Armila já havia sido apresentada por Calvino em “As cidades invisíveis”.

Encontro a Armila de Giovana que, ao convidar Duchamp para conversar com Calvino, cria sua própria Armila.

Afinal, existem três lugares reservados, colocados ali como um convite à aproximação, à conversação.

Vejo os três conversando neste momento e tento me aproximar. Intrometo-me.

Agora somos quatro.

Conversa em puro silêncio, pura potência.

As coisas se modificam, não se submetem ao poder da razão, não tem obrigatoriedade com a realidade.

A literatura de Calvino não representa o mundo, apresenta uma realidade que é o próprio mundo.

Armila também está deserta neste momento.

Percebo o quanto o eu que fala está distante na Armila que vejo.

Encontro junções, alianças, conjunções.

O ser da linguagem, diria Foucault.



“Não sou nada além das
palavras que você está
lendo

[...]

É preciso, portanto, admitir
entre a figura e o texto toda
uma série de cruzamentos; ou,
antes de um ao outro, ataques
lançados, flechas atiradas
contra o alvo adverso, trabalho
que solapam e destroem,
golpes de lança e feridas, uma
batalha.”³

Embora Giovana tenha crescido sua marca, é só um
detalhe, não me aprisiono a isto.
O apagamento é necessário para que a criação ocorra.

Forças... Intensas forças!
Vida como potência.

Como um “tesouro”, eis que percebo o “segredo”
revelado por Armila. Talvez aquele mais visível aos olhos.
Talvez uma tentativa de fazer perceber que as palavras
explicam as coisas.

Armila menciona em um detalhe sua relação com o
mundo, com Calvino e Duchamp. Mero detalhe!



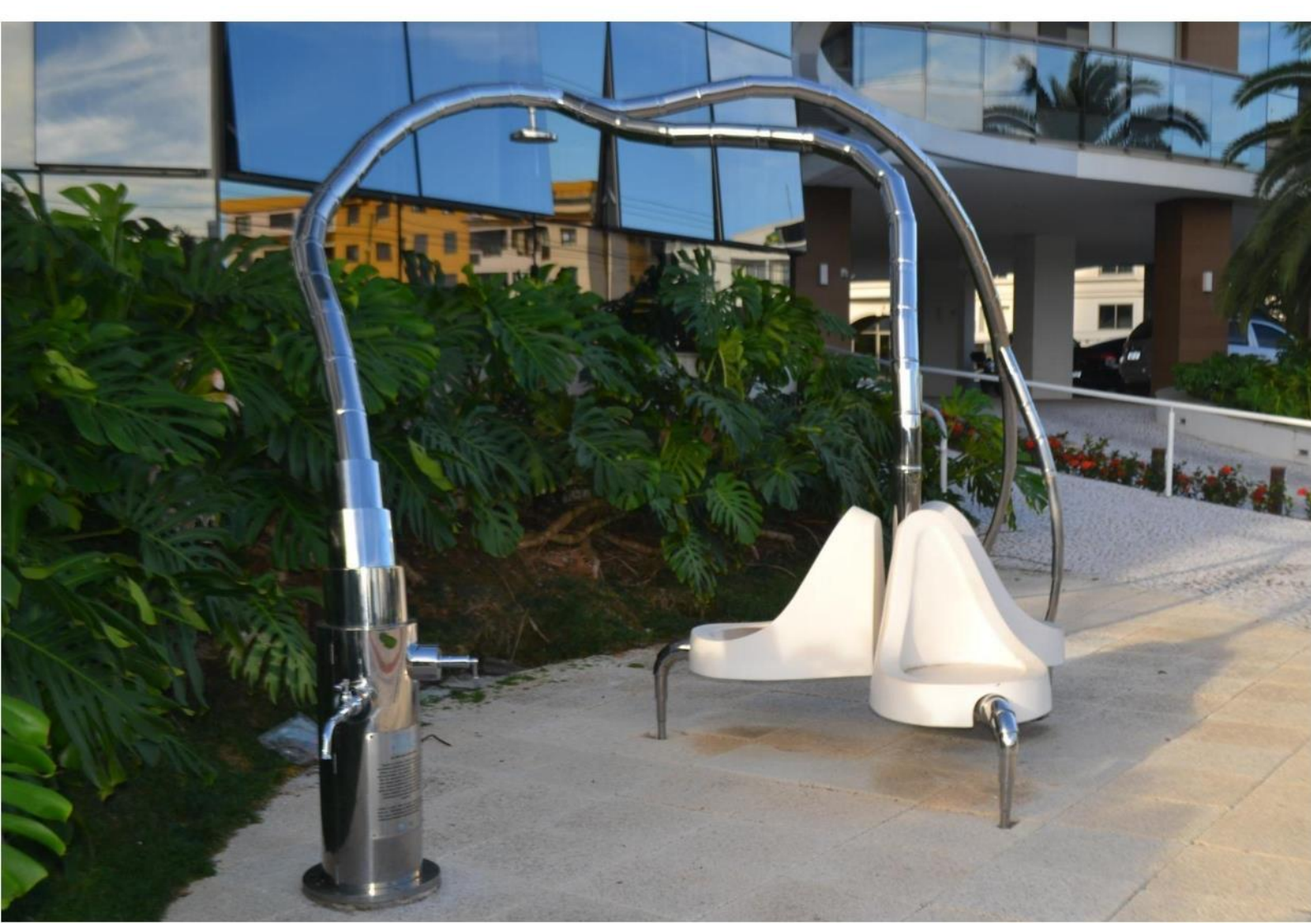
Palavras desenhadas, aparentemente se postam a servir-se de “legenda”.

Estaria esta a representar a Armila de Calvino?

O que tais palavras querem dizer?

Texto em imagem. Imagem em texto.
Palavras como textura, impregnadas de sentido.

47



“Não sou nada além das
palavras que você está
lendo
[...] É preciso, portanto,
admitir entre a figura e o
texto toda uma série de
cruzamentos; ou, antes de
um ao outro, ataques
lançados, flechas atiradas
contra o alvo adverso,
trabalho que solapam e
destroem, golpes de lança e
feridas, uma batalha.”³

Citação direta ou indireta?

Seriam dependentes enunciado verbal e obra?

Relação entre título e obra?

Para Foucault seria uma não-relação, por ser complexa e aleatória.

As palavras dizem as coisas, mas que coisas elas dizem?

Eis o alerta de Foucault.

Jogo verbal e visual.

Armila precisaria usar das palavras para dizer o que ela diz?

“[...] nesse espaço quebrado e à deriva, estranhas relações se tecem, intrusões se produzem, bruscas invasões destrutoras, quedas de imagem em meio às palavras, fulgores verbais que atravessam os desenhos e fazem-nos voar em pedaços.”⁴

Ver e falar...

Ver é a luz

As coisas não dizem as palavras...

Longe ouço as ninfas a cantar... decido partir junto com o sol.

Armila é uma obra de arte pública da artista Giovana Zimmermann instalada em 2010 na fachada do Condomínio Jay Residence, na Avenida dos Búzios, 1136, Jurerê Internacional, Florianópolis/SC, por meio da Lei Municipal 3.255/89. A obra é um mobiliário urbano que faz referência à obra literária “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino, e “A Fonte”, de Marcel Duchamp.

Notas

¹ Blanchot, 1897, p.163.

² Calvino, 2003, p. 51.

³ Foucault, 1988, p. 28 e 29.

⁴ Foucault, 1988, p. 48.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

FOUCAULT, Michael. **Isto não é um cachimbo**. Tradução de Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

